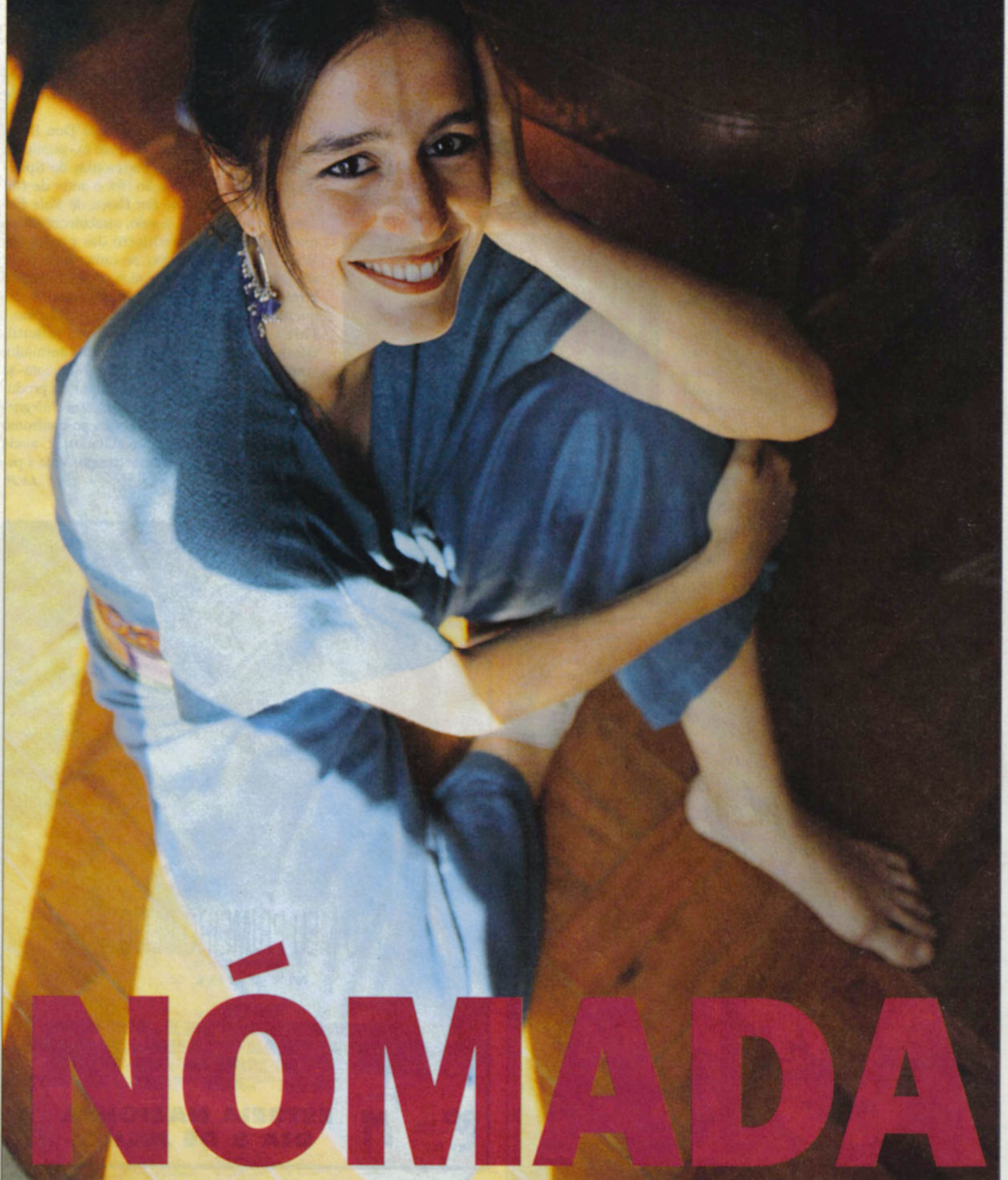


MYRIAM SZABO



NÓMIADA



CONVERSA

Veio de França para Portugal, para descobrir novas coisas. Algo que, afinal, fez durante toda a vida. Dançou e descobriu os valores tibetanos. Percorreu meio mundo. Mas ainda acha que é muito cedo para parar. Fernando Sobral traça-lhe o perfil. Lucília Monteiro fotografou-a

A guerrilha entre o corpo e a dança tem séculos. Muitos. Durante os quais homens e mulheres descobriram que, para além de olhar, poderiam evoluir juntos. Para os outros olharem. Myriam Szabo também dança. Mas essa é, apenas, uma das mil e uma maravilhas que é capaz de fazer. No Porto muitos a conhecem, no resto do país nem tanto. Mas talvez seja por isso que esta francesa, que um dia se naturalizou portuguesa, mereça que os holofotes caiam sobre si.

Fez de tudo um pouco na vida. E já fez muita coisa, desde que começou a correr o mundo, à boleia desse estranho fascínio que é descobrir tudo e todos. Nasceu em Paris, em finais de 1961 e, a partir daí, nunca mais parou. Como se fosse um saltimbanco em busca do lugar certo. Que parece nunca encontrar.

Mas, diz ela, «isso não são mudanças. Interesse-me, apenas, pelo coração da vida. Nunca quis adoptar um caminho profissional. E, social-

mente, estou-me nas tintas para tudo. Procuo apenas um caminho interior para fazer coisas interessantes. Para me sentir feliz. Não me interessa ser famosa ou ganhar muito dinheiro. Isso não é essencial.»

E, para ela, isso realmente é o que menos importa na vida. No Porto ou em Braga tem dançado, em bares ou, simplesmente, na rua. Danças inspiradas na tradição cigana e no imenso puzzle que são, cada vez mais, as interligações culturais de povos da Península Ibérica, do Médio Oriente e da Europa Central.

Mas Myriam Szabo não se fica por aí: muitos conhecem-na por estar ligada, ao lado de António Ferro, à produção do Rally Jazz do Porto. «Hoje dedico-me metade à produção e metade à dança. Gosto muito de trabalhar com o António Ferro», diz. Mas esses, e os outros projectos que tem na manga, para os próximos tempos, são apenas o culminar, por enquanto, de um longo trajeto.

Ainda muito nova estudou dança clássica e tap dance em Detroit, nos Estados Unidos. Depois voltou a Paris, onde se inscreveu na École du Ballet Russe Irina Grjebina, tendo passado a integrar o corpo profissional da escola em 1973. O certo é que durante toda a década, para além da sua actividade no ballet, faz cursos de solfejo, guitarra clássica e música folk americana. E, no início da década de 80, começa a colabo-

rar com a companhia de dança judaica Iahmel. Toda esta intensa actividade artística está intimamente ligada ao outro lado da sua vida: se em 1974 tinha participado, com Sylvie Vartan, no filme publicitário *Woolite*, a partir de 1980 segue uma activa carreira de manequim profissional, que atingirá o seu apogeu na campanha *Avenir*, que a torna uma das caras mais conhecidas de França.

O anúncio, que alguns consideraram muito polémico, é o tema central da revista *Photo*, de Outubro de 1981, e de revistas como a *Stern*. Quase oito anos depois o semanário francês *VSD* descobriu-la-á em Portugal, e faria capa, contando a sua história. Hoje Myriam diz simplesmente: «Sim, o anúncio da *Avenir* causou um grande escândalo, em França, na altura. Eu nunca percebi porquê. Mas esse sucesso levou-me a hesitar. Uma pessoa quando se torna famosa, torna-se um produto. E eu achei que não tinha estrutura para isso. Por isso retirei-me. Na altura era para ter feito um filme, mas decidi antes retirar-me. E foi o que fiz.»

Durante algum tempo Myriam Szabo viajou pela Índia e pelo Nepal, aprofundando os seus conhecimentos de filosofia budista. Só em 1986 regressa a Paris, já depois de se ter formado em Karate Shotokan. E o que é que isso tinha a ver com a dança? «A escola de budismo tem origens aí. E dá para entendermos a importância da concentração antes dos movimentos.» Talvez por isso tudo aquilo que ela faz tem a ver com o jogo de movimentos — de que a dança é o extremo — e com o prazer da arte. Algo que não tem fronteiras definidas nem rigores exagerados. Daí que Myriam se sinta assim como peixe na água, livre de compromissos que es-

partilhem a sua liberdade criadora. Ou talvez seja como uma águia: que rodopia no ar, sempre atenta ao que se passa à sua volta.

Myriam vem para o Porto por uma razão muito simples: «Casei-me com um português. Vim com ele de França. Tenho saído várias vezes, mas gosto muito de Portugal. E até optei pela nacionalidade portuguesa. Também gosto muito do Porto, mas o que eu gostaria mesmo era de poder viver na serra e só vir à cidade de vez em quando.»

«O anúncio da Avenir causou um grande escândalo em França, na altura. Eu nunca percebi porquê. Mas esse sucesso levou-me a hesitar. Uma pessoa, quando se torna famosa, torna-se um produto. Por isso retirei-me»

Quando fala assim, Myriam parece uma nómada que não se sente bem, nem nunca se sentirá bem, no sedentarismo das grandes cidades. Onde se perdem as esperanças e se ganham vícios típicos de um circuito de manutenção.

Mas, desde que chegou a Portugal, não parou. Começa por realizar espectáculos de dança no Centro de Yoga e Macrobiótica Pirâmide, e vai recebendo formação em dança contemporânea e indiana, flamenco, sevillhanas e castanholas.

**MYRIAM
SZABO**



Entretanto, realiza, com o coreógrafo e bailarino Mário Calixto, o espectáculo de dança *Delírio de Eros*. O ano de 1992 vai também ficar marcado pela produção do I Rally Jazz do Porto, a que se seguirá, já este ano, uma nova iniciativa deste género. A partir de Setembro, planeia fazer espectáculos em aldeias portuguesas e vai começar a dar aulas de dança. Isto independentemente de poder continuar a fazer performances de dança a solo.

Mas para Myriam Szabo, portuguesa, mas cidadã do mundo, ainda há muitas rotas a explorar, muitos caminhos a percorrer, muitas ilusões para descobrir.

Não tem ambições desmedidas, mas é exigente

consigo própria. Serenamente olha para o futuro: «Acho que tenho um objectivo na vida que é bastante esquisito. Um dia, quando morrer, queria estar satisfeita. Estar pronta para isso sem problemas de consciência. Entretanto gostava de perceber os outros e não ser egoísta. Às vezes sou muito difícil com as pessoas. Acho que, de vez em quando, deveria ser mais moderada.» Entretanto, ignora a moderação e faz contas. Sobre os caminhos que ainda falta percorrer. Afinal, a descoberta faz parte da sua vida, e Myriam nunca considera o seu conhecimento das coisas completo. Há sempre algo mais para inventar ou para aprender. É esse o sentido da vida.



**Em 1981,
o corpo de
Myriam ocupou os
outdoors de Paris com o
anúncio Avenir.
Em 1989, a revista VSD
descobriu a jovem
do escândalo. Em Portugal**